

## **BAILEY, Catherine (2020) – *Crianças Perdidas: A Vingança de Hitler*. Alfragide: Edições ASA II. 558 p.**

por ANDREIA DA SILVA ALMEIDA

Doutorada em História Contemporânea

Investigadora do Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

phd\_historia@sapo.pt

ORCID: 0000-0002-3416-3567

A obra intitulada “Crianças Perdidas”, da autoria da historiadora britânica Catherine Bailey, é uma tradução fiel do seu título original em língua inglesa “The Lost Boys”, publicada em 2019 pela Penguin Books. Contudo, na sua versão portuguesa, ganha o subtítulo “A Vingança de Hitler”. Esta publicação trata essencialmente de um estudo biográfico pontuado por uma narrativa historicamente contextualizada da conjuntura inerente aos acontecimentos e ao perfil da figura em análise. A acção foca-se numa mulher alemã de ascendência aristocrática, Fey von Hassel, filha mais nova do embaixador germânico em Roma, Ulrich von Hassel, conhecido por protagonizar um movimento de oposição e resistência a Hitler. É durante o período da II Guerra Mundial, com a cooperação e a formação do Eixo Roma-Berlim, e até ao pós-guerra, que se desenrola a cronologia desta obra.

Em 1943, Fey von Hassel, de 24 anos, era uma jovem mãe de duas crianças - Corrado, de três anos, e Roberto, de um ano. Casara-se três anos antes com um oficial de cavalaria italiano, Detalmo Pirzio-Biroli, e vivia na *villa* italiana que pertencia à família deste, Brazzà. Brazzà era uma vasta propriedade, encimada por um castelo do século XII, com vista para as planícies de Veneza. A *villa* era enorme e tinha, à sua volta, casas mais pequenas onde viviam os trabalhadores da propriedade. Se durante os primeiros meses após o casamento o casal conseguiu viver em Brazzà, a partir do início de 1941, Detalmo começou a ser recrutado para vários pontos de Itália e das suas colónias, deixando Fey sozinha, juntamente com as duas crianças e os múltiplos serventes.

Talvez pelas suas características, em setembro de 1944, Brazzà foi ocupada pelas tropas das SS. Pela sua ascendência alemã, num primeiro momento, Fey e as crianças foram tratadas com civilidade pelos ocupantes alemães. Contudo, com o desenrolar da guerra, a Gestapo acabaria por invadir o palácio rural italiano e aprisionar Fey e as crianças, como consequência pela acção do seu pai, Ulrich von Hassell, membro da resistência alemã contra Hitler. Deslocada para Innsbruck, na Suíça, Fey seria separada dos seus filhos e aprisionada pelo Reich. Seria posteriormente integrada num grupo de prisioneiros de importantes famílias contrárias ao regime de Hitler, tratados com alguma deferência, no sentido de constituírem uma possível moeda de troca para com os Aliados. Introduzida nesse grupo, Fey foi constantemente transferida entre prisões e campos de concentração – Stutthof, Buchenwald e Dachau. A filha de von Hassel era uma das quatro mulheres desse grupo cujos filhos lhes tinham sido retirados pelas forças alemãs. Com o desenlace do conflito armado, Himmler concluiu que os prisioneiros já não lhe seriam úteis como moeda de troca e ordenou a sua execução. Contudo, a ordem chegou tardiamente, a tempo de os detidos se colocarem em local seguro.

No rescaldo da guerra, Fey reencontrou o marido, Detalmo. Com a ajuda deste e da sua mãe e irmã, que se mantinham na Alemanha, a jovem iniciou a sua busca pelos filhos desaparecidos. Contudo, a Europa do pós-guerra, inundada de refugiados e desaparecidos, dava prioridade à procura dos cidadãos dos países Aliados. Os Pirzio-Biroli, de ascendência alemã e italiana, não constavam dessa prioridade. Seria a sua rede de relações e a extrema persistência da mãe de Fey que levaria ao resgate dos meninos. Recebendo novos nomes, as crianças foram levadas para um orfanato, um antigo sanatório situado nas montanhas de Innsbruck. Seria a mãe de Fey que os encontraria e reconheceria, no momento em que Corrado e Roberto estavam prestes a ser adotados por uma nova família.

O título desta obra talvez seja, no nosso entender, um pouco impreciso. O seu tema fulcral é a epopeia vivenciada pela protagonista, Fey von Hassel, e não a dos seus filhos a ela retirados. Contudo, a sua angústia pelo destino dos meninos e a sua impotência face ao que estava a vivenciar talvez seja a grande linha de força que perpassa toda a obra.

Este emotivo relato baseia-se, essencialmente, nas memórias de Fey von Hassel, publicadas em 1990, pela editora John Murray, intituladas *A Mother's War*. Contudo, a obra em estudo não se alimenta de um discurso memorialista e exhibe claras diferenças face a este. Se o primeiro se define como um relato pessoal contado numa única perspetiva, a narrativa de Catherine Bailey é um retrato mais rico e profundo, quase cinematográfico, com uma empe-

nhada contextualização histórica e conjuntural. Esta aproximação entre a narrativa de Catherine Bailey e um registo quase cinematográfico é claramente evidenciada pela autora quando, nas notas finais da obra, refere que “Como inevitavelmente, existe uma diferença de tom entre a obra destinada a ser publicada e editada vários anos após os eventos descritos (...) recorri com frequência a variadas fontes primárias para uma cena” (Bailey, 2020, p. 493). É interessante observar que a autora descreve o relato de vários factos e situações ao longo da narrativa enquanto “cenas”. O que não pode ser considerado surpreendente porque Catherine Bailey é também uma conhecida produtora televisiva britânica.

A autora revela-nos, pois, que recorreu a várias fontes primárias. A fonte primacial, como já observámos, foram as memórias de Fey von Hassel. Contudo, Bailey refere-nos, ainda, ter recorrido a vários diários que Fey escrevera no decurso da sua vida e a cartas que endereçara à família e aos amigos, bem como aos seus copiosos apontamentos sobre o trabalho do seu pai na Resistência alemã e sobre as suas experiências pessoais nos campos de concentração. Toda esta documentação encontra-se nos arquivos da família Pirzio-Biroli, ainda hoje guardados em Brazzà, aos quais a autora teve acesso. Contudo, a autora também se serviu de várias fontes orais, como os testemunhos das “crianças perdidas”, Corrado Pirzio-Biroli e Roberto Pirzio-Biroli, ainda vivos e colaboradores com a pesquisa efetuada. Bailey também recorreu a entrevistas com historiadores locais, como seria o caso de Heinz Blaumeiser, da Universidade de Innsbruck, e Peter Steindl.

A importância dos arquivos familiares é preponderante nesta obra. A autora refere ainda ter recorrido ao arquivo da família Hercolani, onde teve acesso à correspondência trocada durante décadas entre Fey e a sua amiga Santa Borghese Hercolani. Ao longo do prólogo, que mais não é do que as referências bibliográficas da obra, Bailey faz menção às variadas fontes e bibliografia a que teve acesso, divididas por capítulos e páginas. Nele, podemos observar variada bibliografia académica sobre a história da II Guerra Mundial, bem como o recurso a periódicos, como o *Times of Israel*, o *Daily Telegraph* ou *Il Messagero*, a título de exemplo. Ênfase também deverá ser dada a vários documentos de arquivo custodiados em vários arquivos internacionais, como os britânicos *The National Archives* ou o arquivo do *Imperial War Museum*, o italiano arquivo paroquial de Santa Margherita, o americano *National Archives and Records Administration* e o arquivo da CIA, os alemães *Bundesarchiv Berlin* e *Bundesarchiv Ludwigsburg*, entre outros.

A presente obra parece inserir-se numa tendência, observada pelas editoras portuguesas e internacionais, que levam a considerar a II Guerra

Mundial e o Holocausto como um filão inesgotável de vendas. Não nos iludamos. Apesar de ser um estudo de âmbito historiográfico, seguindo as respetivas regras metodológicas, *Crianças Perdidas: A Vingança de Hitler* é uma obra destinada ao grande público e não a leitores mais especializados. Na tradução portuguesa ganha ainda o subtítulo *A Vingança de Hitler* para se tornar claramente mais apetecível ao grande público. A cadência cinematográfica da narrativa, de que já havíamos dado conta, facilita ainda mais a leitura da obra por um público menos especializado, tornando-a fluente e apetecível, muito próxima do romance histórico.

A autora, Catherine Bailey, tem-se debruçado, nos últimos anos, sobre o estudo de algumas famílias aristocráticas britânicas. Com formação em História pela Universidade de Oxford, antes de se dedicar à carreira editorial, Bailey foi produtora e diretora televisiva, tendo realizado uma série de documentários aclamados pela crítica, inspirados no seu interesse pela história contemporânea. O seu primeiro livro, intitulado *Black Diamonds* (2008), relata a história da família dos Condes Fitzwilliam, a mais rica dinastia de produtores de carvão da Grã-Bretanha, numa cronologia compreendida entre 1900 e 1950. O seu segundo livro, *The Secret Rooms: A True Gothic Mystery* (2012), narra o mistério da morte do 9º. Duque de Rutland, no seu castelo de Belvoir, em 1940. A sua última obra, à qual nos temos dedicado, *Crianças Perdidas*, é a primeira publicada em Portugal, traduzida para a língua de Camões.

Desta obra deveremos reter a sua forma narrativa, fluente e sedutora, sem deixar de ser rigorosa no que é concernente ao método historiográfico, ainda que destinada a um público menos especializado. Na verdade, mantê-la só se torna possível no âmbito da história contemporânea, para qual é possível cruzar fontes orais com documentos de arquivo das mais diversas proveniências, produzindo uma narrativa mais rica em factos e pormenores. Esta obra realça, pois, a importância das fontes orais, das memórias pessoais e dos arquivos familiares para a história contemporânea, sem deixar de lado a sua correta contextualização. Menos consistente parece-nos ser o aparelho crítico inerente ao método historiográfico, que nesta obra é pouco acentuado ao nível da narrativa. Este facto é compreensível, dado, como já observámos, a obra não ser de contexto académico, vocacionada essencialmente para o grande público. Contudo, não podemos menosprezar a importância de levar o discurso histórico a outros leitores, captando o interesse de várias gerações pelo passado, especialmente para o cenário concreto da II Guerra Mundial, um passado que não devemos esquecer.

## Referências Bibliográficas

- BAILEY, Catherine (2020) — *Crianças Perdidas: A Vingança de Hitler*. Alfragide: Edições ASA II, 493 p.
- BAILEY, Catherine (2008) — *Black Diamonds: The Downfall of an Aristocratic Dynasty and the Fifty Years that Changed England*. New York: Penguin Books, 544p.
- BAILEY, Catherine (2012) — *The Secret Rooms: A True Gothic Mystery*. New York: Penguin Books, 480 p.

